

Editorial

Ao abrir o pano do 33º ano da Roteiro, encontramos o cenário do primeiro artigo a falar de teatro. Falar de arte cênica é apresentar os atores que vestem a máscara, a fim de desempenhar um papel que não é o de seu caráter, de seus costumes ou de sua vida. É o trabalho de quem representa uma cena. Máscara, dizem os entendidos, é uma palavra que os latinos traduziram por *Persona*: a voz que soa através da máscara. É a voz do personagem que dá vida às diversas atitudes, afeições e emoções.

Montaigne escreveu em “Os Ensaios” que a dimensão teatral é a oportunidade de se generalizar o gosto de *contreroller* as ações e emoções. O “*contra-desempenhar papéis*” é a retirada do caráter artificial dos afetos humanos ou a extinção da máscara. Os personagens e os espectadores, por ocasião da representação teatral ou da máscara, têm a possibilidade de desmascarar/desvelar/revelar a riqueza dos sentimentos e afetos da natureza humana.

Durante longo período, a Roteiro criou, recriou, revelou, desvelou. Em seu interior aparece o palco catarinense da instituição superior que faz reviver o sentido da historicidade ao desnudar, em público, o caráter privado em que atuam as forças da sociedade civil, em cuja sombra a universidade comunitária nasce, brota, cresce, amadurece e vigora. É assunto do segundo artigo da revista.

Na esperança de ver as análises da realidade escolar explicitadas pela apreensão de sua historicidade, esta vinculada às necessidades sociais, o terceiro artigo da revista faz soar sua voz através da imprensa que se torna referência para a compreensão da história da educação. Isso, em um município do Paraná.

Ainda no estado paranaense, onde também a organização do trabalho didático é repartida em formas de divisão do trabalho, constata-se que a energia posta em prática pelos educadores e governantes resultou em capacidades subjetivas renovadas. Entretanto, a precariedade do cenário docente, analisada no quarto artigo da Roteiro, carrega a configuração de um drama e não suporta representá-lo. O trabalho docente precário é sombrio e opaco, analisado com fortes luzes críticas da ribalta.

Pessoas rústicas (no sentido original de *rus* - rural) revelam, sim, suas emoções e suas esperanças. Os sentidos da cultura escrita, registrada em diários produzidos por dois agricultores com pouca escolaridade, aparecem reconstituídos no quinto ato da Roteiro. O hábito da leitura revela a experiência da trajetória de vida de três agricultores, em um outro – o sexto – artigo similar. A cultura escrita e a leitura propiciaram aos cinco agricultores

escreverem dois enredos e fazerem ouvir o som de suas palavras, centradas na observação dos homens e da natureza.

Na atualidade dos impactos socioambientais, a cena sempre é dramática. A resenha do livro “Atores Sociais e Meio Ambiente” revela os desafios, as estratégias e os resultados das ações empreendidas pela sociedade civil.

As idéias educacionais são mais comuns como se pensa e mais vulgares do que se cuida. A Roteiro, em seu número 33, apresenta sinais visíveis de que seu coração não está sereno com as encenações de obviedades. Entende que a prática educacional necessita ser reapresentada, recriada, aprofundada, esclarecida, desvelada, revelada e entendida por meio de sons e palavras dos atores sociais; e que é preciso abastecer a educação escolar com novas idéias e práticas, abster-se dos armazéns de estoques “científicos” cristalizados e bendizer o talento e a ciência que a natureza repartiu entre os homens que convivem com a inovação educacional. Por isso, continua a ser a voz que soa através dos anos.

Sandino Hoff

Editor

roteiro@unoesc.edu.br